A large triangle is the central graphic element. The text 'A verdadeira história da Inconfidência' is written along the left side of the triangle. The text 'ACAMAEMORREUITRADENTES' is written along the right side of the triangle. Below the triangle, the author's name 'ALEXANDRE AZEVEDO' is printed in a bold, spaced-out font.

A verdadeira história da Inconfidência

ACAMAEMORREUITRADENTES

ALEXANDRE AZEVEDO

EDITORA PENALUX
Guaratinguetá, 2018



Rua Marechal Floriano, 39 – Centro
Guaratinguetá, SP | CEP: 12500-260

penalux@editorapenalux.com.br
www.editorapenalux.com.br

EDIÇÃO: França & Gorj

REVISÃO: Elisa Bechuate

CAPA E EDITORAÇÃO ELETRÔNICA: Guilherme Peres

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

A994c AZEVEDO, Alexandre. 1965–

A cama em que morreu Tiradentes / Alexandre Azevedo – Guaratinguetá,
SP: Penalux, 2018.

104 p.: 21 cm.

ISBN: 978-85-5833-447-1

1. Novela 2. Ficção 3. Literatura Juvenil I. Título

CDD B869.93

Todos os direitos reservados.

A reprodução de qualquer parte desta obra só é permitida
mediante autorização expressa do autor e da Editora Penalux.

Oneto do tetraneto de Tiradentes mandou chamar às pressas o seu neto. Não demorou muito para que ele já estivesse à beira da cama, segurando as mãos do velho avô moribundo.

— O que aconteceu, meu avô? — perguntou o neto, preocupado com o jeito que o velho olhava para ele.

— Preciso dizer-lhe algo. Algo muito importante! Confidencialíssimo! — e olhou para a escrivaninha ao lado da cama. Sobre ela, uma pasta, um tanto antiga por sinal.

— O que é? Diga-me. O senhor está me deixando nervoso.

— Está vendo aquela pasta ali em cima?

— O que é que tem?

— Lá está toda a história. A verdadeira história!

— O que o senhor está dizendo, meu avô? Não estou entendendo.

— Você sabe, a nossa família...

— O que é que tem ela?

— É conhecida por...

— Por ser descendente de Tiradentes, todos sabem disso...

— Mas o que não sabem é da verdadeira história!

— Verdadeira história? O senhor está querendo dizer que na verdade não somos descendentes de Tiradentes?

— Somos, somos, isso é fato.

A cama em que morreu Tiradentes 7

— Então, continuo sem entender onde o senhor está querendo chegar.

O velho deu mais uma olhada para a pasta em cima da escrivaninha, os olhos marejados. O neto ficou sem saber se ele estava querendo chorar ou se aquilo era decorrente de sua catarata.

— O meu avô...

— O tetraneto de Tiradentes.

— O próprio.

— O que tem ele?

— Foi ele quem me deu aquela pasta ali.

— Foi?

— E também esta cama...

— Que, diga-se de passagem, é antiga pra... caramba!

— Século XVIII.

— O senhor está me dizendo que esta cama aí é do século XVIII?

— Isso mesmo. Século XVIII. Mil, setecentos e bolinha!

— Puxa! Isso deveria estar em um museu!

— Deveria, mas não está. Está aqui, sob mim e eu sobre ela! E será sua em pouco tempo...

— Minha?

— E aquela pasta também!

— Eu agradeço, mas... O que tem de tão importante naquela pasta?

— É por isso que o mandei chamar... Mas antes, vá lá fora e dispense todos que estão na casa.

— Todos?
— Não quero mais ninguém aqui, só ficaremos eu
e você!



A cama em que morreu Tiradentes 9

O neto voltou para o quarto após ter dispensado todos que estavam na casa. Sentou-se, desta vez, na poltrona que estava ao lado de uma das cabeceiras da cama e esperou que o avô lhe dissesse algo.

— Muito bem, vamos agora a toda verdade!

— Sou todo ouvidos — disse-lhe o neto.

— Antes, pegue-me um copo d'água. A nossa conversa será longa.

O neto nem precisou se levantar. Da cabeceira, tomou da moringa, enchendo pela metade o copo e entregou ao avô, com todo o cuidado para que não derramasse água pelo caminho.

— Obrigado — disse o velho. — Agora vamos aos fatos.

— Como lhe disse, sou todo ouvidos.

— O meu avô...

— O tetraneto de Tiradentes — interrompeu, mais uma vez, o neto.

— O próprio. O meu avô, em seu leito de morte, sobre esta mesma cama que agora estou...

— E que será minha algum dia...

— Sim, e que será sua logo, logo...

— O senhor ainda tem muita lenha para queimar, meu avô...

— Bondade sua. Só lhe peço que não mais me interrompa...

— Desculpe-me, mas é que esta história...

— Ouça-me primeiro, depois caberá a você decidir o que fazer. Por enquanto, peço-lhe que me escute, está bem?

— Está bem. O senhor dizia-me que o seu avô...

— O tetraneto de Tiradentes...

— O próprio...

— Em seu leito de morte...

— Cujo leito é esta cama...

— A própria, e que logo, logo será a sua cama também...

— Meu avô, isto está ficando muito enrolado...

— É que você não me deixa completar nada, fica aí me interrompendo a todo momento, parece que está zombando de mim!

— De forma alguma. Jamais lhe faltaria com respeito.

— Está bem, desculpe-me se fui grosseiro. São coisas da velhice...

— Não tem do que se desculpar, mas o senhor me falava do seu avô...

— O... deixa pra lá. Como lhe havia dito, o meu avô também me chamou para uma conversa... A mesma que agora tenho com você, entende?

— Isso eu entendo.

— Pois bem. Naquela época, eu devia ter a sua idade, talvez um pouco mais, talvez uns três anos a mais ou coisa assim... Portanto, eu era jovem e impetuoso, assim como

você... Mas isso, agora, não interessa... — e fez uma nostálgica pausa.

— Está tudo bem, meu avô? O senhor quer outro copo d'água?

— Não. Vamos ao que realmente interessa. Estava eu sentado à beirada desta velha cama e o meu avô aqui, deitado, um velho para mais de noventa...

— Engraçado...

— O que é engraçado?

— O seu avô ter morrido com mais de noventa e o seu pai...

— Meu pai morreu com trinta e poucos anos...

— Assim como o meu pai.

— Assim como o seu. E o pai do meu avô com esses mesmos trinta e poucos. E avô do meu avô com mais de noventa...

— Engraçado...

— Não tem nada de engraçado, é tradição.

— Que horrível isso, meu avô. Não diga uma coisa dessas, nem por brincadeira!

— Foi você quem tocou nesse assunto...

— Vamos voltar ao que interessa. O que o seu avô queria com o senhor?

— Contar-me a verdadeira história de Tiradentes!

— Como assim, verdadeira história?


— Tiradentes não morreu enforcado!

— Ah, tá! Agora conta outra!



— **P**or falar em contar outra, eu tenho uma nova para o senhor, quer ouvir? — perguntou o neto.

— Se não for longa demais... — disse o avô.

— Está bem: A professora fazendo uma prova oral, perguntou para o Zezinho: “O que você sabe sobre o Tiradentes?”. Zezinho respondeu, todo cheio de si: “Tiradentes morreu enforcado!”. A professora aprovou, para perguntar em seguida: “Só isso?”. Ao que o Zezinho emendou prontamente: “Poxa, professora, e a senhora ainda acha pouco?!”.


 alexandreazevedo65@hotmail.com

 alexandre.azevedo.1428